

## A ilusão do sujeito: uma fronteira entre ser/não ser ‘um escolhido’<sup>1</sup>

*Edite Luzia de Almeida Vasconcelos*<sup>2</sup>

---

### RESUMO

Neste artigo, examina-se a separação imposta pelo sujeito para demarcar os limites do que ele considera sagrado no tipo de trabalho que exerce ou gostaria de exercer, a partir da análise discursiva dos pronomes  *você*  e  *a gente* . Essa forma de funcionamento identificada ao discurso do sujeito opera a separação, sob a fórmula  *ser/não ser*  e isso produz o apagamento de outros sentidos.

**Palavras-chave:** Pronomes  *a gente/você* . Identidade. Representação. Sentido. Sujeito.

---

<sup>1</sup> Este artigo compõe o Capítulo 3 – As Vozes de Deus: Quem Fala por Deus, Fala em Nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo - da minha tese intitulada “A Formação da Identidade Batista: Efeitos de Sentidos do Trabalho de Missões”, defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Alagoas, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Virgínia Borges Amaral, em 2010.

<sup>2</sup> Especialização em Letras e Linguística: Leitura e Produção de Textos. Mestrado em Letras e Linguística (Análise do Discurso). Doutorado em Letras e Linguística (Análise do Discurso). Professora do IFBA, Campus Salvador, Departamento I, Coordenação de Linguagens Salvador, Bahia, Brasil. Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/9441490089311139>. Endereços eletrônicos: [editeluzia@ig.com.br](mailto:editeluzia@ig.com.br) – [edite@ifba.edu.br](mailto:edite@ifba.edu.br)

## INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, consideram-se os pronomes  *você*  e  *a gente*  como categoria que trabalha na fronteira da materialidade lingüística e do discurso, como mecanismos que estabelecem as relações de poder reinscritas nas práticas discursivas. Práticas essas organizadas pela representação das posições da subjetividade, para a constituição da identidade do sujeito. Tal modo de funcionamento da discursividade faz circular o sentido de trabalho como missão para assegurar a salvação do sujeito, através do poder conferido pela representação.

O representante tem o poder de incluir e excluir, o que significa o poder de dizer quem pertence e quem não pertence à formação discursiva à qual estão identificados os escolhidos, ou seja, ele tem o poder de dizer quem são os escolhidos. O sujeito do discurso realiza tal poder movimentando os sentidos, através de dois mecanismos principais, relativos aos pronomes  *a gente*  e  *você* .

Os enunciados tomados para análise, neste artigo, foram retirados das minhas pesquisas de mestrado e doutorado<sup>1</sup>, resultado da transcrição grafemática das entrevistas gravadas com missionárias batistas e têm a seguinte organização: SD para sequência discursiva, seguida de numeração crescente para cada nova sequência a ser analisada.

A análise possibilitou demonstrar que os efeitos de sentido do trabalho missionário batista explicitados pelos pronomes  *você*  e  *a gente*  funcionam como mecanismo discursivo que opera a separação, que, no exame analítico do corpus, dá-se sob a fórmula  *ser/não ser*  identificado ao discurso do sujeito, que se considera um escolhido, sob o modo de representação, por ser uma missionária e isso produz o apagamento de outros sentidos.

A análise sustenta-se no referencial teórico-metodológico da Análise do Discurso de orientação francesa.

## DESENVOLVIMENTO

### 1. *Você/A Gente* e o Outro

Em SD01, abaixo, o sujeito enuncia que ‘*a gente*’, - o missionário -, deve ser exemplo para as pessoas de sua convivência, isto é, para outros missionários, para outros evangélicos, enfim.

SD01 - Para que *a gente* possa ser exemplo para as pessoas que vivem conosco porque se *a gente* prega, se *a gente* fala sobre Deus e não vive o amor de Deus nas nossas vidas, não adianta nada.

Os dispositivos discursivos pronominais sinalizam para escolhas diferenciadas dos lugares do sujeito, como indicam as sequências discursivas a seguir:

SD02 - Eu tive um pouco lá no Seminário, mas *a gente* também aprende mais um pouco sobre a cultura deles.

SD03 - Lá em Jequié quando *a gente* aceita Jesus Cristo nós temos a escola de missões, né? Lá tem a escola de missões, então *a gente*, às vezes *a gente* recebe a orientação pra trabalhar com adolescentes com novos crentes e eu vim com esse preparo de lá.

SD04 – Aulas de, aquela aula que *a gente* toma quando aceita Cristo, né? Discipulado, depois eu fiz um encontro de casal e no encontro de casal eu fiz outro curso, “casados para sempre”, e nesse curso *a gente* tem que saber lutar com os adolescentes porque às vezes no próprio encontro de casais, no próprio departamento se encontram barreiras vinculadas a você, a seus pais aí *a gente* (inint)<sup>3</sup> separação.

---

<sup>3</sup> Trecho não recuperado da gravação. O *corpus* deste artigo é extraído da tese cujo *corpus* foi composto por transcrições grafemáticas de gravações feitas com missionárias batistas.

Essas sequências marcam um uso do pronome *a gente* como em “eu fiz outro curso, ‘casados para sempre’, e nesse curso *a gente* tem que saber lutar com os adolescentes” que refere apenas o grupo de religiosos que frequentava o seminário junto com o enunciador. Na sequência SD04, já mencionada, o sujeito do discurso faz uso do *você*, como enunciado em:

SD04 - porque às vezes no próprio encontro de casais, no próprio departamento se encontra barreiras *vinculadas a você*, a seus pais aí *a gente* (inint) separação,

referindo fiéis bem específicos da comunidade, que são todos os adolescentes, ou mais especificamente, os adolescentes com problemas familiares os quais são tratados na igreja, pelos missionários. E, ainda, quando o sujeito do discurso explica o trabalho da missionária - que inclui palestras com os membros recém-convertidos e com os adolescentes e seus pais - com o objetivo de demonstrar a importância que tem a união da família para um evangélico, diante de Deus.

Na sequência discursiva 04, acima, o sujeito explica que a missionária precisa tomar aulas de discipulado quando aceita Cristo, conforme retoma-se abaixo:

SD04 - aulas de, aquela aula que *a gente* toma quando aceita Cristo, né?  
Discipulado,...

Enquanto que na sequência 05, a seguir, o sujeito explica o que é “um discipulado”, ele se identifica de diferentes formas:

SD05 - Um discipulado é quando *a gente* vai aceitar Jesus Cristo *a gente* tem que saber é, o que é que *a gente* tá fazendo, né? E o que é que *a gente* tá aceitando, então nós recebemos aulas, como na Bíblia, como se comportar como evangélico, como também saber evangelizar outras pessoas que ainda não receberam Cristo e

disciplinar para o batismo, nós temos que ir para o batismo sabendo o que estamos fazendo.

De acordo com o enunciado, a principal forma de discipular diz respeito à aquisição do conhecimento sobre a Bíblia, o que implica em aprender a adequar-se à vida de evangélico, isto é,

SD05 - como se comportar como evangélico

Assim, de acordo com a movimentação da representação dada em *a gente*, o uso do termo *discipular* também diz respeito ao aprendizado que se adquire para realizar o trabalho de evangelização para o não-convertido bem como a disciplinarização para aqueles já convertidos receberem o batismo.

SD05 - saber evangelizar outras pessoas que ainda não receberam Cristo

SD05 - disciplinar para o batismo, nós temos que ir para o batismo sabendo o que estamos fazendo

Ou seja, “aprender na aula de discipulado” significa aprender a ser evangélico para depois redistribuir o ensinamento recebido, no intuito de converter um incrédulo ou treinar o fiel para a vida de crente batizado.

Isto é, discipular pode ser identificado como evangelizar. Então, “aulas de discipulado” significam, também, aprender a reconhecer-se como crente porque “a gente tem que saber”, “o que é que a gente tá aceitando”, “nós temos que ir para o batismo sabendo o que estamos fazendo”, conforme a sequência discursiva 05, acima. Finalmente, para o sujeito assujeitado aos sentidos do discurso religioso *discipular* significa amadurecer e fortalecer a sua fé. No quadro a seguir, é possível observar a movimentação do sujeito do discurso religioso, através do uso dos pronomes *a gente* e *você*.

Quadro 1 – Movimentação do Sujeito: A Gente

A – A gente refere a missionária	1	a)	Outros missionários  “Lá tem a escola de missões, então a gente, às vezes a gente recebe a orientação pra trabalhar com adolescentes com novos crentes e eu vim com esse preparo de lá”
		b)	Qualquer membro da denominação da missionária  “Aulas de, aquela aula que a gente toma quando aceita Cristo, né? Discipulado”
		c)	Outros crentes, em geral  “Porque na religião, a gente sabe, não é? Viver, estar numa religião é fácil, mas mais importante é que a gente ame seu próximo”
	2	d)	Crentes (i) e não-crentes (d’)  “Pessoas que vivem conosco”

Assim, um primeiro modo de movimentação do sujeito em direção ao seu centramento consiste em considerar a separação entre *a gente* (1) e *eles* (2,d’). Neste modelo, *a gente* (A) refere a missionária e (1): a) Outros missionários; b) Qualquer membro da denominação da missionária e c) Outros crentes, em geral; além de (2): “Pessoas que vivem conosco” que refere (i – um crente). Tal mecanismo separa *eles* [os outros], as pessoas que não convivem com o sujeito, isto é, aquelas que não são da sua religião/denominação. Entretanto, no entendimento de que o pronome pode referir (d’ – um não-crente), o *a gente* inclui o pronome *eles*. Esse entendimento caminha na contramão do centramento do sujeito.

Conforme SD06 a seguir, o sujeito diz que o pronome *você* – referindo a si próprio, ou seja, referindo o missionário – deve continuar com a missão porque foi Deus quem a deu.

SD06 - Mas, é *you* continuar com essa missão que Deus lhe deu [Deus deu a missão para a missionária] porque existem muitas dificuldades, não é?

Esse segundo modo de movimentação do sujeito, dado no quadro a seguir, consiste na separação entre *you* e *elles*, quando o uso do pronome singulariza a missionária.

Quadro 2 – Movimentação do Sujeito: *You*

B – <i>You</i> refere apenas a missionária	<i>Elles</i> [os outros (por inferência), as pessoas em geral]
--	--

Donde:

*A gente* (a missionária) é o escolhido (todos que se identificam com o discurso da denominação à qual o sujeito pertence); considerando que o escolhido é um convertido, é aquele que está salvo.

*Elles*, *As pessoas* são os não-escolhidos (todos que não se identificam com o discurso desse sujeito), ou seja, os não-convertidos, os não-salvos, portanto.

E ainda, donde:

*You* (a missionária) é o escolhido (todos que se identificam com o seu discurso); considerando que o escolhido é aquele que foi salvo.

*Elles*, *As pessoas* são os não-escolhidos (todos que não se identificam com o discurso do sujeito), isto é, as pessoas não-convertidas e, portanto, que não estão salvas.

Esses dois modos de movimentação de centramento do sujeito afirmam e reafirmam os escolhidos e os não-escolhidos.

Quadro 3 – Movimentação do Sujeito: A gente/Você

<i>A gente / Você</i>	Escolhido	Todos que se identificam com o discurso do sujeito
<i>Eles, As pessoas</i>	Não-escolhido	Todos que não se identificam com o discurso do sujeito

Os pronomes *a gente/você* em tais enunciados ajudam a demarcar fronteiras porque funcionam não apenas como categorias gramaticais, mas também como categorias discursivas. Elas, então, controlam a dispersão do sujeito do discurso e favorecem a sua movimentação em direção ao centramento, dando-lhe unidade.

Esse movimento, ao mesmo tempo, supõe afirmação e reafirmação das relações de poder, estabelecidas socialmente e inscritas nas práticas discursivas do fiel. Nesse mecanismo discursivo, o missionário é colocado constitutivamente pela estabilização do sentido – sentido de missão para evangelizar – como autor e responsável por seus atos, em cada prática discursiva em que se inscreve, sob o efeito da ilusão dos efeitos de sentido do discurso religioso.

Nessa percepção, o sujeito realiza a ilusão de que tem o poder de dizer quem pode e quem não pode receber as graças divinas, mediante o poder da representação.

## 2. Apagamento de sentidos

De acordo com o exame das sequências acima, através dos pronomes, no âmbito da discursividade, o sujeito do discurso religioso inscrito em *a gente/você* é o escolhido, enquanto que o não-escolhido é o outro. Desde que esse outro seja qualquer um que não pertença à mesma denominação religiosa do sujeito que pode ser ou não ser o seu interlocutor. Assim, a condição de filiação ao sentido atribuído pelo discurso do sujeito será determinante da identidade discursiva, religiosa e ideológica.

De acordo com Pêcheux, o sentido “é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas)” (PÊCHEUX, 1995, p. 160). O sentido atribuído, portanto, é dado pelas posições de sujeitos marcadas por relações de poder que se constroem no processo discursivo. O autor também dirá que:

*As palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aquelas que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas [...] nas quais essas posições se inscrevem. (PÊCHEUX, 1995, p. 160).*

Se o sentido é dado em acordo com a posição sustentada pelo sujeito, é certo também que a processualidade histórica produz mudanças de sentido sobre o qual o sujeito nem sempre tem o controle. Sob a primazia do interdiscurso, o discurso produz uma heterogeneidade que não o afeta, porque esse sujeito está tomado pelo efeito da evidência do sentido. Evidência que faz parecer ao sujeito que o sentido é único, estável e homogêneo.

O sentido dado pelo funcionamento das sequências discursivas como em:

SD07 – Mas, é você continuar com essa missão que Deus lhe deu *porque existem muitas dificuldades, não é?*

expressa antagonismos originados pela posição ocupada pelo sujeito no discurso. Esse antagonismo é efetivado entre o sujeito do discurso – *você* – que tem uma missão dada por Deus e o *outro* – aquele que não a tem. Esse antagonismo apaga-se, para o sujeito do discurso, sob a forma de efeito de sentido, dado pela evidência da identificação.

A evidência do sentido constituído no interior de uma formação discursiva é um efeito do trabalho da ideologia que funciona como mecanismo de controle das

ações dos homens, através do apagamento de outro sentido possível. Nesta perspectiva, o sujeito não reconhece a contradição que lhe atravessa os sentidos. Como uma pista, o sujeito a efetiva, dizendo que:

SD07 - porque existem muitas dificuldades, não é?

Tal apagamento serve para orientar as práticas sociais, pois o que é apagado corresponde aos sentidos não acessados, porém possíveis. Nesta direção de análise, se pode dizer que a realização do trabalho de evangelização, executado pelo trabalho de missões, funciona como um efeito do apagamento da contradição. O apagamento marca-se pelo antagonismo, imposto pela separação operada pelos pronomes *A gente e Você/ Eles, As pessoas*, resultado da divisão escolhido/não-escolhido.

Através da evidência do sentido dado pela linguagem e linguagem compreendida fora do âmbito exclusivo da língua, fora do polo da dicotomia saussureana, portanto como um modo de produção social, o sujeito é instituído em uma dada formação ideológica pela qual ele é identificado como sujeito ideológico, como é possível esclarecer no fragmento seguinte:

Essa instância da linguagem é a do discurso. Ela é um modo de produção social, não é neutra, inocente (na medida em que está engajada numa intencionalidade) e nem natural, por isso é o lugar privilegiado de manifestação da ideologia (...) a linguagem é o lugar de conflito, de confronto ideológico, não podendo ser estudada fora da sociedade, uma vez que os processos que a constituem são histórico-sociais. (BRANDÃO, 1993, p. 12).

### **3. Você e A Gente: As posições-sujeito e os Modos de Representação**

Os sujeitos, em constante relação, assumem, pela linguagem/discurso, diferentes posições em uma ou várias formações discursivas e em uma dada formação ideológica, pois “as relações de linguagem são relações de sujeito e efeitos de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados” (ORLANDI, 2001, p. 21).

Daí se pode ampliar a definição de discurso feita por Orlandi, a partir de Pêcheux como “efeito de sentido entre locutores” (ORLANDI, 2001, p. 21) para efeito de sentido, relacionado à historicidade na qual ele é materializado.

Assim, o discurso religioso constitui-se como um discurso cujo sentido dado pelo sujeito-universal é o mesmo com o qual o sujeito do discurso se identifica. Tal identificação é realizada através da tomada de posição do sujeito do discurso em relação ao sujeito-universal, isto é, a tomada de posição é um efeito do interdiscurso, ou seja, é o sujeito-universal representado no sujeito do discurso.

Ao sujeito do discurso atribui-se o poder de determinar o significado dado aos enunciados do discurso religioso, uma vez que a representação funciona como um sistema de significação. O sujeito, então, adquire o poder de representar a voz de Deus. Nesses termos, a identidade do sujeito do discurso, no discurso em análise, constitui-se pelo modo como ele se faz representar nesse discurso para construir sentidos de unidade e de homogeneidade.

Na instância interdiscursiva, considera-se que a relação de interlocução ou a relação de lugares é dada pelo contexto sociohistórico, o que quer dizer que as práticas sociais constituídas em sua historicidade determinarão as práticas discursivas. Nessa perspectiva, os interesses diversos que estão presentes no próprio funcionamento do discurso, com os conflitos que os perpassam, determinarão o lugar do sujeito, bem como também determinarão como ele posiciona o outro. Assim, a *gente* e *you* marcam os papéis pelos quais o sujeito pode se representar, no discurso. Essa relação dinâmica da linguagem, provocada pelo sujeito do discurso, movimentará e conseqüentemente afetará sua posição no discurso.

Sendo assim, os mecanismos discursivos, marcados no intradiscurso através das formas pronominais *you* e *a gente*, mostram um conjunto de diferentes vozes que permitem um deslize nos papéis da representação para a posição do enunciatador, em direção do centramento. Esse deslizamento constitui um sujeito baseado “numa concepção de pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado” (HALL, 2005, p. 10), cuja identidade é inteira e fixa.

Desse modo, os pronomes *you* e *a gente* funcionam como um dispositivo discursivo que diz respeito ao modo de representação do sujeito do discurso. Por esse funcionamento discursivo, o sujeito do discurso representa o sujeito universal,

realizando um movimento em que o sujeito universal se representa através de um processo de inclusão, de particularização ou de generalização<sup>4</sup> de posições sujeito pertencentes à mesma formação discursiva, mas sempre com o intuito de centrar-se na posição do enunciador.

Assim, a representação do sujeito do discurso mostrada pelos pronomes *você* e *a gente*, nas sequências discursivas em análise, indica um funcionamento discursivo cujo sujeito sintetiza todas as posições de representação na posição do enunciador. Essa estratégia discursiva compreende a ilusão do movimento da representação significando a fixidez do sujeito e o fechamento do sentido, no discurso religioso em análise, cujo movimento, por sua vez, orienta para a unidade do sujeito e do sentido. O modo de representação das posições de sujeitos, então, organiza o discurso religioso como uma unidade originada no efeito da transparência dos sentidos.

Nessa compreensão, as formas gramaticais *você* e *a gente* funcionam como mecanismo discursivo, que, sob o domínio de saber do discurso religioso, constitui o sujeito e o sentido que identifica o fiel como aquele indivíduo capaz de submeter-se às leis de Deus, em busca da salvação eterna e que para isso deve viver sem pecados. O sentido circulante na formação discursiva religiosa alimenta a crença de que o homem não terá direito ao paraíso nem à proteção divina, caso não haja a submissão às leis de Deus. Esse sentido constitui o sujeito e a identidade do sujeito do discurso religioso, ancorado no discurso da obediência; obediência às normas impostas pelo sujeito-Deus.

O centramento do sujeito faz trabalhar a repetição, o mesmo efeito de sentido porque isso significa a homogeneidade do discurso religioso. Dizendo de outro modo, o sujeito estende o sentido historicamente constituído pelo discurso religioso, partindo da posição do enunciador, aquele que diz *você/a gente* – referindo a missionária -, para os membros da sua comunidade religiosa ou para qualquer indivíduo que aceite a palavra divina como a única e a verdadeira e queira fazer parte da mesma denominação religiosa. Então, o sujeito identificado à formação discursiva religiosa assume a posição do sujeito universal, no estatuto da representação.

---

<sup>4</sup> Orlandi e Guimarães (1989, p. 48) apresenta a organização das vozes, no texto, que é dado como uma unidade, como uma representação de enunciadores que podem ser: individual, genérico, universal, coletivo.

A necessidade de centramento do sujeito plenamente determinado pela crença em Deus coloca-o, conseqüentemente, sob maior poder da determinação ideológica. Isso ocorre porque o movimento do sujeito para a posição de centramento é o efeito ideológico da negação da interpretação (ORLANDI, 1996) que o próprio sujeito realiza já como mecanismo de produzir ideologia, pois, na concepção discursiva, a ideologia faz com que o sentido apareça como único e verdadeiro.

A ideologia, então, produz o efeito de completude do sentido e do sujeito e, como conseqüência, o efeito de evidência, pois os sentidos institucionalizados são admitidos como naturais. Assim, a ideologia naturaliza o que é produzido pela história (ORLANDI, 1996), fazendo parecer que não há historicidade, apagando-a.

Dessa maneira, o movimento dos sentidos e do sujeito em direção à unidade e centramento, através da representação, indica o apagamento da evidência da alteridade existente no discurso. Na formação discursiva religiosa, o movimento do sujeito em direção ao centramento significa o esforço para apagar os outros efeitos de sentido possíveis e contraditórios com o discurso da obediência que, inclusive, apregoa a submissão do fiel como uma dádiva necessária para a realização da sua salvação. O movimento de centramento objetiva à manutenção do sentido já-dado pelo sujeito universal, neste caso, Deus.

Assim, o apagamento dos sentidos possíveis é realizado a partir de um efeito do trabalho do interdiscurso, sendo um efeito dos esquecimentos, definidos por Pêcheux (1995). Pelos esquecimentos o sujeito constrói a ilusão de que é origem do seu dizer, pois diz o que quer. E cosntroi também a ilusão de que o que ele diz só poderia ser aquilo e não outra coisa (ORLANDI, 1996, p. 89). Sendo assim, as ilusões do sujeito fazem-no reproduzir os sentidos circulantes no discurso religioso, ideologicamente constituído.

## CONCLUSÕES

Ao organizar os papéis da representação de modo a unificá-los na posição do enunciador, como já afirmado, ao mesmo tempo o sujeito realiza o processo de unificação do sentido, pois, para o sujeito do discurso religioso, não há possibilidade de interpretação. O que há é manutenção do sentido que lhe é dado. Isso o constitui como

representante autorizado a traduzir o dito de Deus, desde que permaneça como um bom sujeito (PÊCHEUX, 1995), ou seja, desde que se submeta plenamente ao sentido dado pelo sujeito universal-Deus. Então, como foi dito, dá-se a conjunção nas formas de assujeitamento à religião e à ideologia.

Como consequência, o deslocamento produz uma superposição (PÊCHEUX, 1995) das posições do sujeito, criando a unidade necessária ao discurso religioso. Por isso, ao assumir a posição do sujeito universal, o sujeito desloca-se da posição de ouvinte (ORLANDI, 1996), isto é, de sujeito comum para a posição de enunciante escolhido por Deus, como um efeito da representação.

Nesse aspecto, o sujeito do discurso coloca-se como aquele que tem um dom, que foi escolhido divinamente, subvertendo sua condição de sujeito comum, pois atua como um intercessor dos homens diante de Deus. Na sequência discursiva a seguir, o enunciadador coloca-se como um sujeito especial porque ele pode interceder “pelas almas perdidas”. Assim, as pessoas que são drogadas, viciadas, ou seja, aquelas “que vivem na ignorância da palavra”, que “estão sem Deus” são pessoas pelas quais ele, e somente ele, pode fazer oração porque pertence a outro mundo, o mundo que não é o mesmo onde estão as pessoas que têm almas perdidas. Essas são as outras, fora do *você* e do *a gente* centralizadores, retratando o movimento ser/não ser escolhido.

SD08 - Intercedo pelas almas perdidas que vivem na ignorância da Palavra e estão sem Deus, eu faço oração, como por exemplo, as pessoas que estão num mundo assim que se drogam, né? Pessoas viciadas, elas precisam da nossa compaixão, precisam que nós arregacemos as nossas mangas e vá ao encontro dessas pessoas para tirá-la de lá.

A partir da análise dos enunciados, retirados do texto transcrito das entrevistas gravadas das missionárias batistas, pode-se afirmar que, através da representação submetida ao poder de Deus, concebe-se que o sujeito diferencia-se dos demais, construindo uma hierarquia autorizada pelo próprio discurso divino e dela participando como representante do sujeito de maior poder nessa hierarquia: o próprio Deus.

Assim, ao organizar um modo de representação em que se iguala ao poder de Deus e considerando que o dito de Deus não se pode questionar, o sujeito do discurso torna inquestionável o seu próprio dito, o que lhe garante uma posição de maior prestígio social, inclusive perante o próprio grupo com o qual se identifica.

### **ABSTRACT**

*This article examines the separation imposed by the subject to demarcate the limits of what he holds sacred in the type of work that has or would like to pursue. Thus initially, explains that the pronouns you and we act as discursive mechanism that operates such separation, that the screening of the corpus, is given under the formula being / not being identified to address the subject, and this produces deletion of other senses.*

**Key-words:** *pronouns we / you. Identity. Representation. Sense. Subject.*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à Análise do Discurso*. Campinas, São Paulo: UNICAMP, 1993.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomás Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro, 8.ed, Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2001.

\_\_\_\_\_. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

ORLANDI, Eni Pulcinelli, GUIMARÃES, Eduardo, TARALLO, Fernando. *Vozes e contrastes: discurso na cidade e no campo*. São Paulo: Cortez, 1989.

---

Salvador, 26 de abril de 2013